

## O DEVANEAR DO CÉPTICO

*Tout corps traîne son ombre et tout esprit  
son doute.*

Victor Hugo

Ai da avezinha, que a tormenta um dia  
Desgarrara da sombra de seus bosques,  
Arrojando-a em desertos desabridos  
De brônzeo céu, de férvidas areias;  
Adeja, voa, paira.... nem um ramo,  
Nem uma sombra encontra onde repouse,  
E voa, e voa ainda, até que o alento  
De todo lhe falece; — colhe as asas,  
Cai na areia de fogo, arqueja, e morre...  
Tal é, minh'alma, o fado teu na terra;  
O tufão da descrença desvairou-te  
Por desertos sem fim, onde em vão buscas  
Um abrigo onde pouses, uma fonte  
Onde apagues a sede que te abrasa!

.....  
Ó mortal, por que assim teus olhos cravas  
Na abóbada do céu? — Queres ver nela  
Decifrado o mistério inescrutável  
Do teu ser, e dos seres que te cercam?  
Em vão teu pensamento audaz procura  
Arrancar-se das trevas que o circundam,  
E no ardido vôo abalançar-se  
Às regiões da luz e da verdade;  
Baldado afã! — no espaço ei-lo perdido,  
Como astro desgarrado de sua órbita,  
Errando às tontas na amplidão do vácuo!  
Jamais pretendas estender teus vôos  
Além do escasso e pálido horizonte  
Que mão fatal em torno te há traçado...  
Com barreira de ferro o espaço e o tempo  
Em acanhado círculo fecharam  
Tua pobre razão: — em vão forcejas  
Por transpor essa meta inexorável;  
Os teus domínios entre a terra e os astros,  
Entre o túmulo e o berço estão prescritos:  
Além, que enxergas tu? — o vácuo e o nada!...

Oh! feliz quadra aquela, em que eu dormia  
Embalado em meu sono descuidoso  
No tranquilo regaço da ignorância;  
Em que minh'alma, como fonte límpida  
Dos ventos resguardada em quieto abrigo,  
Da fé os raios puros refletia!  
Mas num dia fatal encosto à boca

A taça da ciência; — senti sede  
Inextinguível a crestar-me os lábios;  
Traguei-a toda inteira, — mas encontro  
Por fim travor de fel; — era veneno,  
Que no fundo continha, — era a incerteza!  
Oh! desde então o espírito da dúvida,  
Como abutre sinistro, de contínuo  
Me paira sobre o espírito, e lhe entorna  
Das turvas asas a funérea sombra!  
De eterna maldição era bem digno  
Quem primeiro tocou com mão sacrílega  
Da ciência na árvore vedada,  
E nos legou seus venenosos frutos...

Se o verbo criador pairando um dia  
Sobre a face do abismo, a um só aceno  
Evocava do nada a natureza,  
E do seio do caos surgir fazia  
A harmonia, a beleza, a luz, a ordem,  
Por que deixou o espírito do homem  
Sepulto ainda em tão profundas trevas,  
A debater-se neste caos sombrio,  
Onde embriões informes tumultuam,  
Inda aguardando a voz que à luz os chame?

Quando, espancando as sombras sonolentas,  
Surge a aurora no coche radiante,  
Inundando de luz o firmamento,  
Entre o rumor dos vivos que despertam,  
Levanto a minha voz, e ao sol, que surge,  
Pergunto: — Onde está Deus? — ante meus olhos  
A noite os véus diáfanos desdobra,  
Vertendo sobre a terra almo silêncio,  
Propício ao cismador; — então minha alma  
Desprende o vôo nos etéreos páramos,  
Além dos sóis, dos mundos, dos cometas,  
Varando afouta a profundez do espaço,  
Anelando entrever na imensidade  
A eterna fonte, donde a luz emana...  
Ó pálidos fanais, trêmulos círios,  
Que na esfera guiais da noite o carro,  
Planetas, que em cadência harmoniosa  
No éter cristalino ides boiando,  
Dizei-me — onde está Deus? — sabeis se existe  
Um ente, cuja mão eterna e sábia  
Vos esparziu pela extensão do vácuo,  
Ou do seio do caos desbrochastes  
Por insondável lei do cego acaso?  
Conheceis esse rei, que rege e guia  
No espaço infindo vosso errante curso?

Eia, dizei-me, em que regiões ignotas  
Se eleva o trono seu inacessível?  
Mas em vão interrogo os céus e os astros,  
Em vão do espaço a imensidão percorro  
Do pensamento as asas fatigando!  
Em vão; — todo o universo imóvel, mudo,  
Sorrir parece de meu vão desejo!  
Duvida — eis a palavra que eu encontro  
Escrita em toda a parte; — ela na terra,  
E no livro dos céus vejo gravada,  
É ela que a harmonia das esferas  
Entoa sem cessar a meus ouvidos!

Vinde, ó sábios, alâmpadas brilhantes,  
Que ardestes sobre as aras da ciência,  
Agora desdobrai ante meus olhos  
Essas páginas, onde meditando  
Em profundo cismar cair deixastes  
De vosso gênio as vividas centelhas:  
Dai-me o fio sutil, que me conduza  
Pelo vosso intrincado labirinto:  
Rasgai-me a venda, que me enubla os olhos,  
Guiai meus passos, que embrenhar-me quero  
Do raciocínio nas regiões sombrias,  
E surpreender no seio de atras nuvens  
O escondido segredo...

Oh! louco intento!...  
Em mil vigílias palejou-me a fronte,  
E amorteceu-se o lume de meus olhos  
A sondar esse abismo tenebroso,  
Vasto e profundo, em que as mil hipóteses,  
Os erros mil, os engenhosos sonhos,  
Os confusos sistemas se debatem,  
Se confundem, se roçam, se abalroam,  
Em um caos sem fim turbilhonando:  
Atento a lhe escutar o seio lôbrego  
Em vão cansei-me; nesse afã penoso  
Uma negra vertigem pouco e pouco  
Me enubla a mente, e a deixa desvairada  
No escuro abismo flutuando incerta!

.....  
Filosofia, dom mesquinho e frágil,  
Farol enganador de escasso lume,  
Tu só geras um pálido crepúsculo,  
Onde giram fantasmas nebulosos,  
Dúbias visões, que o espírito desvairam  
Num caos de intermináveis conjeturas.  
Despedaça essas páginas inúteis,  
Triste apanágio da fraqueza humana,

Em vez de luz, amontoando sombras  
No santuário augusto da verdade.  
Uma palavra só talvez bastara  
P'ra saciar de luz meu pensamento;  
Essa ninguém a sabe sobre a terra!...

Só tu, meu Deus, só tu dissipar podes  
A, que os olhos me cerca, escura treva!  
Ó tu, que és pai de amor e de piedade,  
Que não negas o orvalho à flor do campo,  
Nem o tênue sustento ao vil inseto,  
Que de infinda bondade almos tesouros  
Com profusão derramas pela terra,  
Ó meu Deus, por que negas à minha alma  
A luz que é seu alento, e seu conforto?  
Por que exilaste a tua criatura  
Longe do sólio teu, cá neste vale  
De eterna escuridão? — Acaso o homem,  
Que é pura emanção da essência tua,  
E que se diz criado à tua imagem,  
De adorar-te em ti mesmo não é digno,  
De contemplar, gozar tua presença,  
De tua glória no esplendor perene?  
Oh! meu Deus, por que cinges o teu trono  
Da impenetrável sombra do mistério?  
Quando da esfera os eixos abalando  
Passa no céu entre abrasadas nuvens  
Da tempestade o carro fragoroso,  
Senhor, é tua cólera tremenda  
Que brada no trovão, e chove em raios?  
E o íris, essa faixa cambiante,  
Que cinge o manto azul do firmamento,  
Como um laço que prende aos céus a terra,  
É de tua clemência anúncio meigo?  
É tua imensa glória que resplende  
No disco flamejante, que derrama  
Luz e calor por toda a natureza?  
Dize, ó Senhor, por que a mão ocultas,  
Que a flux esparge tantas maravilhas?  
Dize, ó Senhor, que para mim são mudas  
As páginas do livro do universo!...  
Mas, ai! que o invoco em vão! ele se esconde  
Nos abismos de sua eternidade.

.....  
Um eco só da profundez do vácuo  
Pavoroso retumba, e diz — duvida!...<sup>i</sup>

Virá a morte com as mãos geladas  
Quebrar um dia esse terrível selo,  
Que a meus olhos esconde tanto arcano?

.....  
Ó campa! — atra barreira inexorável  
Entre a vida e a morte levantada!  
Ó campa, que mistérios insondáveis  
Em teu escuro seio muda encerras?  
És tu acaso o pórtico do Elísio,  
Que nos franqueias as regiões sublimes  
Onde a luz da verdade eterna brilha?  
Ou és do nada a fauce tenebrosa,  
Onde a morte p'ra sempre nos arroja  
Em um sono sem fim adormecidos!  
Oh! quem pudera levantar afouto  
Um canto ao menos desse véu tremendo  
Que encobre a eternidade...

Mas debalde  
Interrogo o sepulcro, — e debruçado  
Sobre a voragem tétrica e profunda,  
Onde as extintas gerações baqueiam,  
Inclino o ouvido, a ver se um eco ao menos  
Das margens do infinito me responde!  
Mas o silêncio que nas campas reina,  
É como o nada, — fúnebre e profundo. . .

.....  
Se ao menos eu soubesse que co'a vida  
Terminariam tantas incertezas,  
Embora os olhos meus além da campa,  
Em vez de abrir-se para a luz perene,  
Fossem na eterna escuridão do nada  
Para sempre apagar-se... — mas quem sabe?  
Quem sabe se depois desta existência  
Renascerei — p'ra duvidar ainda?!...

---

<sup>i</sup> Na primeira ocorrência da palavra *duvida* (estrofe 4, verso 33), paroxítona, os editores modernos corrigem-na para *dúvida*, proparoxítona, e transformam o verbo em substantivo, embora na 2ª edição de *Poesias* esteja grafado na primeira forma, utilizando-se o acento agudo, inclusive. Nesta nova ocorrência, os editores respeitam a grafia original.